

UMA RESPOSTA EM TRÊS PARÁBOLAS

Lc. 15

DESTAQUE DA PARÁBOLA “A OVELHA PERDIDA”

INTRODUÇÃO

A Parábola da Ovelha Perdida, a da Dracma e a do Filho Pródigo são, em conjunto, a resposta de Jesus ao murmúrio dos fariseus por causa da preferência dos publicanos e pecadores pelo ensino do Mestre e de sua opção por eles:

Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles (Lucas 15.1,2).

Os publicanos e os gentios eram considerados pelos fariseus pessoas moral e espiritualmente desqualificadas e, portanto, injustas e perdidas. São esses perdidos que Cristo veio buscar e salvar, operando neles por meio do Espírito Santo, o arrependimento.

I. INTERPRETAÇÃO COMUM

A interpretação comum é ideológica, alegórica e romântica; não se fundamenta no texto lucano, não se louva no contexto, mas na idéia sugerida de pastoreio. Realmente a Igreja é o “aprisco” de Jesus, o Bom Pastor (Jo 10. 1-14); desse “aprisco”, porém, as verdadeiras ovelhas não se perdem, pois o Pastor não as deixa perder-se nem ele as perde(Jo 12.17 cf Jo 6.37).

Partindo da versão de Mateus, retirada do contexto parabólico de Lucas, colocada em outro universo significativo, adaptada aos propósitos judaicos do evangelista referido, a interpretação costumeira pode ser “deduzida”, desde que não se leve em conta o seu significado lucano nem se firme em rigorosa exegese textual. Ela parte do pressuposto de uma “igreja-rebanho” da qual foge, ou se afasta, uma ovelha, tendo o seu proprietário o dever e a responsabilidade de buscá-la e reagrupá-la no conjunto do redil protegido e unificado. Não se fala de “perdição” ou “salvação do pecador”, mas de afastamento voluntário da Igreja por decisão pessoal, por mau testemunho da comunidade ou descaso para com a ovelha. A culpa maior cabe à Igreja que deixa a ovelha tresmalhar. Alguns, porém, e não são poucos, chegam a ensinar, utilizando-se de imaginativa exegese dessa linda parábola, a doutrina arminianista da perdição, definitiva ou temporária, do

regenerado, estabelecendo o esquema: “salvo – perdido – salvo de novo...”. É nesse entendimento arminianista que se tem usado o termo “arrependimento”.

Eis, sinteticamente, a aludida interpretação:

Um pastor tinha no aprisco cem ovelhas. Uma delas tresmalhou (fugiu, perdeu-se). O pastor deixou no “aprisco” as noventa e nove, e saiu em busca da ovelha perdida. Encontrando-a, trouxe-a, feliz e alegre, e a reintegrou às noventa e nove que haviam ficado, protegidas, cercadas, no referido aprisco.

Essa interpretação é aparentemente indiscutível e geralmente aceita, mas não certamente a que o texto e o contexto imediato permitem, segundo uma exegese verdadeiramente bíblica. A Parábola da Ovelha Perdida não pode ser retirada do conjunto explicativo das três parábolas de Jesus, todas respondendo a uma só questão: “Porque Jesus recebe pecadores e come com eles.”(Lc 15.2) Na resposta, Jesus rejeita a tese farisaica da justificação pela lei, pois os fariseus julgavam-se justos por cumprirem os mandamentos. Sobre a justiça da lei, doutrina defendida pelos fariseus, e a justificação pela graça sem qualquer merecimento legal ou moral, Jesus contou a “Parábola do Fariseu e do Publicano” (Lc 18. 9-14) em que o fariseu apresenta a Deus, em oração, as suas “credenciais” de justo e o publicano apenas se confessa pecador. O “justo” não recebe a resposta divina da justificação, e o pecador confesso é justificado.

II. BASES EXEGÉTICAS INCONSISTENTES

I.I Aprisco e Pastor: Não há na parábola menção (direta ou indireta) a aprisco e a pastor.

I.II Retorno da ovelha tresmalhada: Nada se diz sobre o “retorno” ao rebanho de onde se perdeu da ovelha perdida. O contrário é verdadeiro.

I.III Noventa e nove fiéis e santas: O texto nos diz (e o contexto confirma) que elas “não necessitavam de arrependimento”, isto é, a *ordo salutis* do judaísmo não continha a “justificação pela graça por meio do arrependimento”, mas por “obediência” à lei. Foi o que fizeram as noventa e nove ovelhas judaicas e o filho mais velho da parábola do Filho Pródigo.

I.IV Arrependimento não para salvação: Não há como sustentar, firmado no texto e nas outras parábolas textuais, que o arrependimento referido por Cristo não seja para salvação do “pecador (perdido) que se arrepende.” No texto e no contexto imediato Cristo

contrasta “fariseus”, os que se julgavam justos, e “publicados e pecadores”, julgados “injustos” e, portanto, perdidos.

I.V Texto paralelo de Mateus: Sobre isso observemos o seguinte:

a. O contexto de Lucas é um (cremos ser o original), o de Mateus, outro¹. O registro de Mateus deve ser interpretado à luz do de Lucas. Se, em Lucas, a Parábola da Ovelha Perdida faz parte de uma “única resposta de Cristo, dada em três parábolas, a transposição de uma delas para outro contexto, “enfraquece”, por um lado, a resposta lucana de Jesus e, por outro, subtrai uma “parte integrante”, inseparável, da explicação expositiva do divino Mestre, segundo a intenção de Lucas.

b. Mateus, pois, coloca a parábola, em apreço, num contexto exclusivamente seu, dando-lhe compreensão diferente daquela que se encontra em Lucas, colocando-a entre perícopes que tratam da ética comunitária, do irmão pecador, da necessidade de se perdoar o faltoso.

c. Ele afirma que as noventa e nove não se extraviaram (Mt 18.13), isto é, não abandonaram a comunidade judaica, tendo Cristo vindo para “salvar” o “israelita desviado”, pois, conforme o Evangelho segundo Mateus, Cristo não foi “enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 15.24). Também, para ele, judeu por tradição, Jesus comissionou os doze para, preferencialmente, procurarem “as ovelhas perdidas da casa de Israel”(Mt 10.6 cf 10.5,6). Assim contextualizada, a parábola da ovelha perdida “parece” ensinar que todo pecador perdido necessita de arrependimento para “reconciliar-se” com o “rebanho judaico”. Qualquer pecador passa, desse modo, a ser um transviado de Israel, que Cristo veio restaurar ao “redil judaico primitivo”.

d. Mateus faz o dono pessoal do rebanho “deixar as noventa e nove ovelhas nos montes”(Mt 18.12), dando a idéia de ficarem espalhadas e desprotegidas, eliminando ainda mais o conceito de aprisco e de pastoreio coletivo. Nos montes, sem o dono, os riscos para as ovelhas que pasciam, multiplicam-se, pois lá se localizam os seus principais predadores. O abandono no deserto é menos perigoso.

¹ Sobre as diferenças contextuais entre Lucas e Mateus consultar: a. Joachim Jeremias, *As Parábolas de Jesus*, 2ª Ed., (São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1978), pp. 37,38. Eis o que declara este autorizado autor: “O contexto de Mateus não pode portanto dar-nos nenhum ponto de apoio para resolver o problema da situação original que na vida de Jesus o levou à formulação da parábola da ovelha perdida. Não se pode duvidar que seja Lucas quem nos conservou a situação original”. b. Simon J. Kistemaker, *As Parábolas de Jesus*, 1ª Ed., (São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana, 1992), p. 229. Para este autor, o contexto de Mateus é: “Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?” (18.1-3), referindo-se à criança, o “pequenino que Deus busca”. Em Lucas, Cristo responde aos fariseus que procura e acha o pecador perdido (Ver p. 230). Os contextos, pois, são diferentes.

e. Mateus conclui que não é da vontade de Deus que nenhum “destes pequeninos” pereça” (Mt 18.14), mas, ao mesmo tempo, deixa a quase totalidade do “rebanho”, sem dono, nos montes, aparentemente entregue às feras.

f. Ele, por um recurso exegético desconhecido para nós, substitui o “júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lc 15.10) por um sistema de “anjos da guarda”, doutrina de difícil sustentação exegética na dispensação da graça cujos regenerados são templos do Espírito Santo, por ele guiados e protegidos: “Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de meu Pai celeste”(Mt 18.10).

g. Quando Mateus fala que Cristo veio salvar o perdido, ele, geralmente, imagina o Perdido da “casa de Israel”(Mt 18.11 cf Mt 15.24; 10.6).

Os intérpretes tradicionais, com certeza, não se detêm acurada e exclusivamente na versão de Mateus; lêem-no e o interpretam como se lessem e interpretassem Lucas. O texto, por um princípio exegético comum, deve ser interpretado à luz do contexto; e o contexto de Lucas é muito diferente do de Mateus.

II. BASES EXEGÉTICAS CONSISTENTES

II.I As três parábolas de Lucas 15 respondem ao questionamento farisaico: “Este recebe pecadores e come com eles” (v.2).

II.II Nas duas primeiras parábolas, a da ovelha e a da dracma, Cristo mostra a “busca do perdido.”

II.III O “perdido”, valioso para Jesus, é, aos olhos dos fariseus, desqualificado e insignificante: Uma ovelha, a pior do rebanho por desobediência; Uma dracma, um décimo do valor do acervo monetário; Um filho, não primogênito, descumpridor do dever, desrespeitoso e desviado.

II.IV Na parábola do Filho Pródigo, a ênfase recai sobre o arrependimento, em detrimento do cumprimento da lei. O “justo”, que cumpre a lei, fica por fora da festa, pois, não “concorda” com a “injustiça do arrependimento”, inaceitável para ele.

II.V A ênfase nas duas primeiras parábolas não está na “decisão de se perder”, mas na “busca até encontrar”, isto é, na ação salvadora de Deus e não na capacidade do perdido de a si mesmo “encontrar-se” ou na eficiência da Igreja em trazer de volta o “desviado”.

II.VI A ovelha perdida não é devolvida ao rebanho, refazendo a unidade total de 100%.

II.VII As noventa e nove representam “justos que não necessitam de arrependimento.” Há, no sistema salvador da graça, “justos” que não “necessitem de arrependimento?”

II.VIII A festa celeste ou júbilo de Deus, no final de cada parábola, é para “o pecador arrependido justificado”, não para o que a si mesmo se justifica.

II.XI Para Lucas não há condicional: O pastor busca até encontrar (Lc 15.4). Mateus estabelece condicional: “E, se porventura encontra...”, o que Lucas não o faz.

II.X Cristo estabelece o objetivo de sua missão: salvar os perdidos.

II.XI Aprisco e Pastor, figuras inexistentes na parábola.

III. COMENTÁRIOS SOBRE AS BASES EXEGÉTICAS.

III.I Questionamento dos fariseus: “Este recebe pecadores e come com eles”(Lc15.2). Os pecadores eram “publicanos e gentios”. Os primeiros, segundo eles, excluídos do “aprisco de Israel” por apostasia e traição. Os segundos, jamais incluídos no pacto por natureza (nascimento) e consagração (circuncisão). Os poucos gentios prosélitos não gozavam de todos os privilégios do judeu circuncidado nativo. Portanto, não desejavam a reinclusão deles na plena aliança mosaica.

“Comer com eles”: significava admitir quem não pertencia à herança do pacto mosaico, à comunhão dos “escolhidos”, justos, não por justificação, e tratá-los com a mesma distinção com que se devia tratar um “membro da velha aliança” legal, com direitos adquiridos. Jesus, imaginavam, como “bom judeu” deveria valorizar o seu povo, o da promessa, não tais renegados. Eles acreditavam que o Messias viria reconduzir ao “aprisco judaico” as “ovelhas perdidas da casa de Israel”, jamais pecadores gentios, perdidos ou não, que nunca foram ovelhas de Deus e, portanto, não podiam ser incluídas no “concerto dos justos” judeus.

Ao murmúrio dos fariseus Jesus responde por parábolas: Eu recebo publicanos e pecadores e como com eles, porque eles precisam do arrependimento para a conversão e reconciliação com Deus; vocês acham que são automaticamente justos por serem judeus e pessoalmente santos por, supostamente, guardarem a lei. Então, vocês fiquem com “justiça própria” sem arrependimento, e eu serei pastor de pecadores arrependidos.

III.II Deus busca o perdido. Busca e encontra a ovelha perdida, fora do “rebanho israelita”, isto é, o pecador, deixando as “justas que não necessitam de arrependimento” no deserto, sem pastor, para pastorear uma só ovelha, mas arrependida. O próprio Filho Perdido, embora pense que a si mesmo se encontra, é objeto da “busca vivificante de

Deus”: “Porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado (Lc 15.24; cf Lc 15.32). O verdadeiro eleito não se perde. Desviado, o próprio Cristo, dono e Senhor do rebanho, busca-o de volta, não para Israel, como entendiam os fariseus, mas para a Igreja do Cordeiro composta de pecadores arrependidos. Interpretar que Jesus ensinou que é o “ministério” da Igreja que busca a “ovelha perdida”, significa distorcer o seu ensino. Lembremo-nos do que nos disse João: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam”(Jo 1.11). Um texto que ajuda esclarecer a Parábola da Ovelha Perdida é o de Lucas 5.29-32. Um Levita ofereceu um banquete a Jesus. Numerosos publicanos, inexplicavelmente, compareceram. Diante do quadro, certamente perplexos, os escribas e fariseus murmuraram contra os discípulos de Jesus, perguntando-lhes: “Por que comeis e bebeis com os publicanos e pecadores?”. Jesus então respondeu pelos discípulos: “Os são não necessitam de médico, e sim, os doentes. Não vim chamar justos, e sim, pecadores ao arrependimento”. Os fariseus, montados na justiça própria, julgavam não terem de que se arrepender, pois, para eles, a salvação não vinha mediante o perdão, mas por meio da retidão, da guarda da lei. O ensino central de Jesus nas parábolas explicativas conclusivamente é: O justo, por ser justo, não tem nada de que arrepender-se; assim são vocês, judeus. O pecador, por ser pecador e reconhecer-se pecador, arrepende-se e é recebido na comunhão do povo redimido de Deus, e festivamente.

III.III O valioso para Deus. Para os fariseus, o gentio não tinha valor algum, exatamente por estar alijado da promessa e excluído da eleição de Javé. Eis porque Jesus mostra que uma dracma recebe mais atenção, cuidado e amor que nove. Uma ovelha, e ainda perdida, é objeto de apreço, desvelo e homenagem, enquanto as noventa e nove são deixadas no deserto, unidas entre si, mas abandonadas, pelo “homem” que as possuía, nos ermos. Um filho, além de mais novo, rebelde, rompedor dos vínculos paternos, é recebido, na volta de sua vida dissoluta, com festas, deferências e homenagens, enquanto o mais velho, honesto, herdeiro por primogenitura e por fidelidade, trabalhador, que não abandonou o pai e a casa, não “mereceu” o “novilho cevado”. Aqui, a ovelha, filho, que não fugiu ficou menosprezada por suas próprias convicções legalistas, embora justas. A que abandonou o pai, filho perdido, foi recebida com homenagens e festas. O pecador arrependido é privilegiado nas duas parábolas de seres vivos: a da Ovelha Perdida e a do Filho Perdido.

III.IV Arrependimento, não cumprimento da lei. O filho mais novo recebe o que não merece. E o argumento do pai, não convincente para o filho “justo”, é: Este teu irmão

estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado”. Os argumentos do filho mais velho firmavam-se na “injustiça do ato”:

Há tantos anos que te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos. Vindo, porém, esse teu filho, que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado (Lc 15.29,30).

O pai responde com argumentos aparentemente “sentimentais” (ver Lc 15.31,32), mas, na realidade, ressaltam: a exaltação dos desvalidos, a eleição dos perdidos, o arrependimento, a vivificação e a reconciliação, tudo pela graça, sem qualquer merecimento quer por herança quer por submissão obediente.

O que vale para Deus é a recepção da graça salvadora via arrependimento, não recebimento da bênção redentora por meio de méritos pessoais ou obras da lei.

III.V A busca de Deus. A mulher não cessa a “busca” até encontrar a dracma perdida (Lc 15.8). O homem insiste na procura da ovelha até encontrá-la (Lc 15.4). Aqui está a explicação para a sentença chave: Cristo veio buscar o perdido, salvar o pecador, injusto por natureza. O eleito, seja gentio ou judeu, não fica perdido: O Salvador acha-o e o salva. A condicional “se”(Mt 18.13) de Mateus não cabe em Lucas nem na eleição incondicional. O Redentor “busca” e “acha” todos os perdidos eleitos, não para admiti-los na comunidade israelita, mas para introduzi-los no céu, onde serão recebidos com júbilo.

O dono da ovelha perdida leva-a “sobre os ombros” (Lc 15.5) para “sua casa”, deixando implícita a doutrina da inabilidade do pecador de “salvar-se a si mesmo”, de caminhar para a “habitação eterna” com os seus próprios pés; mesmo porque o “caminho da “casa do dono da ovelha perdida” era desconhecido por ela. Somente Cristo é o “caminho”.

O comentário de que o pastor deixou “alguém tomando conta” das “noventa e nove” apresenta as seguintes dificuldades:

a. Cria “o princípio da substituição” de pastoreio do “único rebanho” tanto quanto o de “transferência de responsabilidade providencial”, que são doutrinas romanas com “seus pastores substitutos do sumo Pastor”.

b. Modifica a parábola do Divino Mestre, acrescentando-lhe o “segundo pastor,” apenas para que a “interpretação apriorística” seja viável e supostamente comprovada. À palavra de Deus nada se pode acrescentar e dela nada se deve tirar. A boa exegese não modifica o texto, clarifica-o e faz emergir-lhe o significado natural e original.

III.VI A Ovelha perdida não reintegrada ao rebanho. Ao contrário do que admite a interpretação costumeira, o homem da parábola não devolve a tresmalhada ovelha ao

conjunto do rebanho no deserto; leva-a para casa, festeja com amigos sua recuperação, “deixando” as “noventa e nove” no deserto, sem festa, sem atenção pastoral. O “lugar seguro” para a ovelha “achada” não é o deserto, mas a casa do seu dono (pastor), sob sua proteção e cuidados. Assim também o “lugar seguro” para o crente é em Cristo Jesus, não exatamente na “sociedade religiosa”, onde ficaram, entregues a si mesmas, as noventa e nove. Ressaltemos bem: A ovelha perdida não foi reconduzida ao suposto aprisco, nem à manada coletivamente solidária e solitária no deserto, mas levada carinhosamente pelo seu possuidor para sua casa, que, certamente, não era no deserto. E mais, ele não chama, carinhosamente, as “noventa e nove” de “minhas ovelhas”, mas o faz com a única perdida e achada (Lc 15.6).

III.VII Justos sem arrependimento? Ouçamos com atenção a afirmação do Mestre: “Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”(Lc 15.7). Pode haver justo que não necessite de arrependimento? Paulo, pelo Espírito Santo, não nos ensina que não há um justo sequer (Rm 3. 10-12)? “Não necessita de arrependimento” aquele que não tem pecado, nem o original nem o fatural. Será que as tais “noventa e nove ovelhas” são sem pecado e impecáveis? Existe alguma igreja desse tipo? Dentro da Igreja real e verdadeira está um Paulo, que admite o pecado em si, a ponto de desejar o bem mas, por imposição do pecado, praticar o mal (Rm 7. 16-24 - destaque do v. 21). Portanto, imaginar um “rebanho de santos absolutamente puros, sem pecado, nada tendo, portanto, de que se arrepender” é bíblicamente ilógico e, conseqüentemente, incongruente. Essas noventa e nove ovelhas representam os judeus legalmente justos. Por exemplo, o filho mais velho, irmão do Filho pródigo, “não tinha de que se arrepender” e, por isso mesmo, firmado na justiça própria, desprezou o irmão pecador, ficando por fora da festa, entendendo que tudo aquilo que o pai fazia para o “rebelde irmão” era tremendamente injusto. Entendia que o progenitor “abandonou” o justo para “festejar um pecador injusto”, exatamente o procedimento do ovinocultor em relação às “noventa e nove ovelhas” justas, que não necessitavam de arrependimento, ou julgavam não necessitar. Resultado, não participaram do “júbilo no céu”, porque desse somente participam os “pecadores arrependidos”: a ovelha achada (pecador procurado e encontrado por Cristo) e o filho pródigo, que estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.

A resposta do Mestre, explicando a recepção de “publicanos e pecadores” perdidos não significa outra coisa senão: Os perdidos, publicanos e pecadores, são chamados à reconciliação pelo Espírito Santo, que atua no interior do eleito por meio do

arrependimento para a salvação. Reafirmemos: Jesus explica por que não veio “chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento”(Mt 9.13). Na verdade, os fariseus, segundo a opinião de Jesus, eram hipócritas, exteriormente justos e interiormente podres(Mt 23.27,28).

III.VIII Festa de recepção do perdido. No final de cada parábola-resposta há uma festa de recepção ao perdido, deixando de festejar “os achados” ou “os não extraviados.” Há de se notar também que não são “os que ficaram”, os “não extraviados” que recepcionaram o “perdido recuperado”. As “impecáveis” “noventa e nove ovelhas” e o “justo” filho mais velho não fizeram festa para o “perdido” recuperado. No caso das “noventa e nove”, a ovelha perdida nem sequer foi a elas reincorporada.

Israel não “festejou” a conversão dos pecadores perdidos, nem esses vieram, por arrependimento e conversão, obras da graça em Cristo Jesus, a se incorporarem ao velho povo de Deus, os judeus. A Igreja constitui-se de todos os que “necessitaram e necessitam de arrependimento,” não dos “justos legalistas” do velho Israel.

O arrependimento festejado foi para salvação. Não há como negar a caríssima declaração do Mestre: “Haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”(Lc 15.7). O arrependimento é, portanto, de pecados cometidos contra o Pai celeste, não por erros contra os irmãos (Cf. Mt 18.21,22). O Filho Pródigo não se arrependeu por ter “ofendido” o irmão, mas o pai: “Levantar-me-ei, e irei ter com o meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e diante de ti”(Lc 15. 18 cf 15.21). O Filho Pródigo, similar da Ovelha Perdida, tem sido modelo de todos os pecadores arrependidos, que se fazem servos do Pai celeste. Não se pode, pelo abandono do texto e do contexto, afirmar, contra todas as evidências textuais, que são claríssimas, que o arrependimento de que fala Cristo por essas parábolas não seja para salvação.

Os judeus não podiam aceitar “festa no céu” por “publicanos e pecadores”, gentios renegados. Corria entre os escribas e fariseus o dito: “Há gozo no céu quando um pecador é destruído diante de Deus”^{*} Jesus inverte a situação, afirmando que “há júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos”(Lc 15.7). Isto é, um só pecador arrependido vale mais para Deus do que “noventa e nove fariseus” que dispensam o arrependimento por entenderem que dele não necessitam.

² William Barclay, “Lucas”, in *El Nuevo Testamento*, (Buenos Aires, Argentina: Editorial La Aurora, 1955), Volume 4, p. 195.

O que, pois, a parábola afirma é que “a ovelha perdida” representa os “pecadores”, publicanos e gentios, rejeitados pelos judeus. Para nós, o que a Palavra de Deus claramente afirma, fica definitivamente afirmado. O que ela não diz, não dizemos nós.

III.IX Incondicionalidade da salvação. A ovelha perdida é buscada pelo seu proprietário até ser encontrada e “levada para sua casa”. O filho perdido é encontrado longe, muito longe da casa paterna, e levado de volta, pela mão de Deus, arrependido, ao convívio do pai. Lucas não admite, no caso da salvação, o “condicional” para a ação de Deus. Mateus usa o condicional, por entender a salvação como um “retorno à Casa de Israel”: “E se porventura a encontra”(Jaꝑ •fm sulb« mf eîq” aÇtÁ) (Mt 18.13). A ovelha eleita perdida, mas fora da comunhão dos salvos, será segura e fatalmente encontrada pelo Pastor das ovelhas, Jesus Cristo, que não perde os que o Pai entrega a ele(Jo 6.37).

III.X Cristo, Salvador dos perdidos. Cristo, com as três parábolas, estabelece:

- a. O processo salvador pela graça.
- b. A universalidade do pecado e a salvação dos eleitos, levados ao arrependimento.
- c. O fim do sistema legal de salvação, a Lei, e o início da redenção exclusivamente pela graça sem qualquer merecimento por parte do pecador (Ver Ef 2.7-10).
- d. A inclusão da mulher no ativo corpo dos eleitos. Cremos ter sido essa a intenção do Mestre ao incluir no conjunto explicativo a parábola da dracma, na qual uma mulher representa o “buscador do perdido” que, “achado”, provoca júbilo diante dos anjos de Deus (Lc 15.10). Ressaltemos que a “mulher” era tão menosprezada quanto os “publicanos e pecadores” (gentios).

III.XI Aprisco e Pastor. Na interpretação costumeira estas duas referências são fundamentais e conclusivas. Acontece, porém, que nenhuma delas se encontra no texto nem dele podem ser deduzidas. A inferência não é óbvia, pois se fundamenta em bases inconsistentes, especialmente as da versão de Mateus. Não há viabilidade de aprisco no deserto; apenas, se existiu, um precário acampamento do rebanho em trânsito. Para tal inseguro local o dono da “ovelha perdida” não a levou. Em nenhum dos registros, Lucas e Mateus, se fala de “aprisco” ou de “pastor” de ovelha, uma profissão desqualificada e desvalorizada entre os judeus, mas de “um homem”, proprietário de cem ovelhas (Lc 15. 4 cf Mt 18.12), que “deixa” (abandona?) a maioria (noventa e nove) em lugares inseguros e perigosos para dedicar-se extremadamente a uma só ovelha, acolhendo-a, homenageando-a, privilegiando-a. Incluir as figuras de “aprisco” e de “pastor” num texto que não as inclui não pode ser boa e honesta exegese bíblica. Falemos pela Bíblia, não por ela. A

menção ao deserto para as “noventa e nove” certamente é uma referência à comunidade israelita do Êxodo e à dádiva da Lei no Sinai, bases originárias do judaísmo. A citação de “montes” em Mateus pode ser uma figura pluralizada (plural de majestade) do Monte Sião, onde ficava o templo, centro da religiosidade judaica.

O cristianismo nasceu no Calvário com o Cristo sacrificado entre dois pecadores; um salvo por arrependimento; outro, perdido por rejeição.

CONCLUSÃO

Jesus mostra que o velho sistema redentor, firmado na obediência à lei, cedeu lugar à salvação exclusivamente pela graça mediante a fé em Cristo Jesus, o Pastor das ovelhas perdidas, inabilitadas e repletas de deméritos. O cristianismo não é uma volta ao judaísmo: a ovelha não voltou ao rebanho judaico das “noventa e nove”, que ficaram no deserto. O Filho Pródigo não retornou ao comando do irmão primogênito nem “recuperou” sua “herança adquirida”; voltou como servo arrependido ao seu pai e foi por ele admitido, mas despido de todos os méritos. O arrependimento, primeira manifestação da graça irresistível, dispensa as obras da Lei para salvação. Não somos reconciliados com Israel, mas com Deus por meio de seu Filho Unigênito, exatamente como ele fez com a ovelha perdida e com o Filho Pródigo.

As parábolas, finalmente, mostram que os judeus, menosprezadores dos gentios, rejeitaram o Messias porque este “aceitou” os pecadores e foi aceito por eles, e porque o Salvador não veio chamar “justos”, judeus legalistas, mas pecadores ao arrependimento (Lc 5. 32 cf Mt 9.13). A causa de Jesus “comer e beber” com publicanos e pecadores, não fazendo o mesmo com escribas e fariseus, ele a explica aos “murmuradores” contra ele e seus discípulos (Lc 5.30):

“Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento”(Lc 5. 31,32). Quem são os “pecadores”? - publicanos e gentios. Quem são os “justos”? – judeus (escribas e fariseus).

NOTAS COMPLEMENTARES

I. AS NOVENTA E NOVE OVELHAS DEIXADAS

A afirmação, com base exclusiva na minha própria exegese textual, de que as “noventa e nove ovelhas” representam israelitas firmados nos princípios salvadores da eleição privativa de Israel e no estrito cumprimento da Lei, fatos que, por si mesmos,

excluem o arrependimento, é a mesma dos autorizados pastores Luis Bonnet e seu neto Alfredo Schroeder, em obra publicada na língua francesa em 1880, traduzida para o espanhol em 1982 de onde extraímos os seguintes textos:

Las noventa e nove que deja en el desierto, es decir en los lugares no cultivados, las estepas, donde se hacía pacer las ovejas, **representan a los iraelitas** (negrito nosso) que quedam exteriormente fieles al pacto divino e que sentían mucho menos que los publicanos e los pecadores la necesidad de un Salvador.³

¿Pero existen sobre la tierra *justos que no tengan necesidad de arrepentimiento?* ¿Lo enseñaría Jesús? *De nignun modo. Habla desde el punto de vista de esse legalismo de que se prevalían sus oyentes fariseus.*⁴

Sobre a posição de Mateus, os mesmos autores assim se pronunciam:

Mateus (Mt 18.12-14) também registra esta parábola, dando-lhe, porém, lugar e significados diferentes dos encontrados em Lucas. Utiliza-a para descrever o amor e os cuidados do Salvador para com *um destes pequeninos* a quem se proíbe desprezar, representado na figura da *ovelha perdida* que o dono vai buscar e salvar. Esta aplicação da parábola não carece de comprovação (Esta aplicación de la parábola no carece de verdad), mas há de se reconhecer que em Lucas ela tem seu verdadeiro lugar e seu sentido mais profundo⁵.

Não sou, pois, o único a dar a Lucas, nessa questão, posição diferenciada e privilegiada, em virtude do contexto enfático, isto é, um só tema em todo o capítulo 15: *Jesus veio buscar e salvar o perdido*. Sigo autores antigos e extremamente ortodoxos cujas conclusões exegéticas da *Parábola da Ovelha Perdida*, salvo melhor juízo, jamais foram contestadas. Não posso, portanto, ser acusado de inovador, tanto pela clareza do texto e do contexto lucanos, que fiz emergir, como pelo abalizado testemunho dos teólogos eminentes e respeitados acima referidos.

II. PECADORES PERDIDOS

Três categorias de pessoas são evidenciadas nas três parábolas:

³ Luis Bonnet e Alfredo Schroeder, “Evangelio Segun Lucas” in *Comentario del Nuevo Testamento*, (original francês), Tomo 1, cap. 15, (Buenos Aires, Argentina: Asociacion Argentina de Publicaciones e Casa Bautista de Publicaciones, 1982), p. 618.

“As *noventa e nove*, que deixa no deserto, isto é, em lugares não cultivados ou de vegetação de estepes, onde se pastoreavam as ovelhas, representam os israelitas, que permanecem exteriormente fiéis ao divino pacto, sentindo muito menos que os publicanos e pecadores a necessidade de um Salvador”. (minha tradução)

⁴Ibid. “Existe sobre a terra justos que não necessitam de arrependimento? Teria Jesus ensinado isto? De maneira alguma. Refere-se ao legalismo prevalente aos olhos de seus ouvintes”(os judeus). (minha tradução)

⁵ Ibid., p. 619. “Mateo (18. 12-14)”, nos há conservado también esta parábola, pero dándole un lugar y un significado diferentes de los que tiene en Lucas. Sirve para describir el amor e los cuidados del Salvador hacia *uno destes pequeninos* a quienes oprohibe despreciar y a los que representa luego bajo la figura de esa ovelha perdida que él va a buscar y a salvar. Esta aplicación de la parábola no carece de verdad; pero hay que reconecer que en Lucas tiene su verdadero lugar e su sentido más profundo.”

a. A *Ovelha Perdida* por afastamento involuntário, cremos, em virtude da perda de afinidade interativa com o “rebanho” e da insubmissão ao “dono” (pastor) de quem deixou de ouvir a voz de comando diretivo.

b. A *Dracma Perdida*. O fato de Jesus colocar uma *mulher* como protagonista de uma parábola, formulada em resposta à censura murmurante dos fanáticos fariseus, soava-lhes aos ouvidos como pronunciamento absurdo e, à luz da teologia soteriológica do judaísmo mosaico, inaceitável. A mulher não podia servir de modelo para um judeu radical, um fariseu convicto. E a dona da dracma, que a procura até encontrar, representa Cristo que *veio buscar e salvar o perdido*. Sendo a dracma perdida a décima peça de um colar, conforme admite a *Bíblia de Estudos de Genebra*,⁶ a relação entre a mulher e o objeto perdido fica maior, tornando-se necessário o seu encontro, pois sua perda “desmontaria” o colar e lhe tiraria o significado e o valor. A dracma era uma moeda grega, representando, portanto, o “perdido gentílico” sem qualquer vínculo com a comunidade judaica, sem nenhum compromisso com a Lei. Circulava entre os judeus um provérbio que dizia: Devemos procurar a Lei com o mesmo interesse e empenho com que procuramos uma moeda perdida. Nenhuma conexão, neste dito popular israelita, com a “busca”, efetuada por Cristo, de um pecador perdido.⁷ Aqui, sem dúvida, Jesus valoriza a mulher e a coloca como participante do plano redentor do Mestre. Cristo, sabiamente, utilizou símbolos que os judeus renegavam: A figura da mulher, criatura de segunda categoria para os judeus, sem autoridade e menosprezada, e a moeda estrangeira, dracma, de pouco valor, ambos simbolizando, respectivamente, o Salvador, que veio *buscar e salvar o perdido*, e o pecador perdido, gentio excluído do pacto mosaico. A imobilidade e o ínfimo preço da dracma ressaltam, sem dúvida, a exclusiva ação salvadora e a inabilidade do homem de salvar-se a si mesmo. O fato de somente a dracma perdida ter sido devolvida ao “conjunto” das nove não perdidas, parece-nos esclarecer o ato soberano de Deus na constituição de um novo povo composto, unitariamente, de gentios e publicanos, gente incapaz de auto redenção.

c. *O Filho mais Velho*, como já se disse, representa o fariseu legalista, que rejeitou o gracioso plano salvador do Pai por meio de seu Filho, nosso Senhor Jesus, exatamente em decorrência do privilegiamento dos “publicanos e pecadores” em detrimento, segundo

⁶ “⁸ Gr. *Dracma*, uma moeda valiosa, numa grinalda de dez moedas, era freqüentemente usada por mulheres casadas” “ 15.8 **Dracmas**. O termo “dracma” ocorre somente aqui, no Novo Testamento. Esta moeda era o equivalente grego do denário romano, que equivalia o pagamento de um dia de trabalho.”

⁷ Leon L. Morris, *Lucas, Introdução e Comentário*, (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1990), p. 225. O autor diz que o referido adágio registra-se no *Cantares Rabbah* 1.1.9.

eles, dos “justos” ou fiéis às determinações do pacto mosaico. Vejam a sua alegação de “injustiçado pelo pai”: *Há tantos anos te sirvo sem jamais transgredir uma ordem tua (negrito nosso), e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com meus amigos” (Lc 15.29)*. Seu argumento: o “justo” não é tratado com justiça, não recebe o tratamento que “merece”, enquanto o “injusto” é recebido com honra e festejado, recebendo o que absolutamente não merece. O tratamento dispensado ao filho mais velho, agora herdeiro de dois terços dos bens do pai⁸, tem paralelo ao dado às noventa e nove ovelhas: O pai o deixa no campo, cuidando de seus interesses pessoais, completamente desinformado da chegada do irmão “desobediente, desrespeitoso e perdulário. Ele não tomou conhecimento da festa de recepção por meio do pai, mas de “um dos criados” (Lc 15.25-30). A resposta do pai: *tudo o que é meu é teu (Lc 15.31)* é óbvia, como explica Leon Morris, pois a partilha em vida (Mishna-Baba Bathra.8), transferia para o herdeiro o patrimônio, deixando o testador com “usofruto” do que lhe era necessário à sobrevivência.⁹ *Tudo, pois, que era do pai, na verdade, era do filho.* A tese, constante das três parábolas, é a mesma: *Há júbilo por um pecador que se arrepende;* e o judaísmo, até então a religião restrita a uma raça e professada por sua maioria, perde para a “minorias desqualificada” em decorrência da alienação e do pecado, mas eleita, chamada e salva exclusivamente pela graça.

d. *O Filho mais novo - o pródigo.* Este representa não somente o publicano, mas o pecador a quem a Lei foi incapaz de regenerar e salvar. Ele, rompido o pacto natural e legal com o pai, assumiu a direção de sua própria vida, depravou-se, chegou ao fundo do poço, tornou-se tratador de porcos, desejando alimentar-se da ração suína, “mas ninguém lhe dava nada” (Lc 15.16). Tudo lhe acontecia no mundo gentílico, na miséria física e moral, longe da casa paterna e da terra natal, onde o pão da terra e o do céu aguardavam-no. Seu estado é típico ou representativo de todos os pecadores perdidos em todos os tempos, escravos de si mesmos, do pecado, do mundo e da carne.

e. *Ausência de penalidades legais.* Tanto no caso da *ovelha perdida* como no do *filho perdido* não houve penalização à rebeldia, não se aplicou nenhum castigo. O perdão, resposta divina à confissão dos pecados, elimina as penas da Lei decorrentes; e não há confissão veraz sem eleição; mas a confissão nasce do arrependimento, sendo este também obra do Espírito Santo no interior do eleito. A Lei previa a pena; a Graça, originária do eterno amor de Deus, gera o perdão perfeito, completo, definitivo: o que nos foi conquistado na cruz, expiatoriamente.

⁸ Ibid., p. 226.

⁹ Ibid.

III.SOBRE MATEUS

Mateus ressalta o reinado messiânico, ora um messianismo temporal ora escatológico, chegando a ser quase judaizante. A autoridade real e divina de Cristo é mais evidenciada em Mateus que nos demais evangelistas. Alguns exemplos:

a. A genealogia de Cristo ele a faz partir de Davi, mostrando que o Messias é da linhagem real davídica.

b. Registrou as sete parábolas do reino messiânico (Mt 13), usando a expressão: *O reino dos céus é semelhante...*. Jesus nasceu para ser Rei dos Judeus (Mt 2.2).

c. Ele acreditava na encarnação do Verbo, mas entendia que se tratava da obra de Deus para restaurar, divinizar e perpetuar o *reino davídico*. Sob pressupostos judaicos, foi o único evangelista, que entendeu ter Jesus pronunciado as seguintes sentenças: *“Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos”, mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel* (Mt 10. 5,6). *“Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel”* (Mt 15.24).

d. Apresenta Jesus com a mesma autoridade do Pai, refazendo o decálogo, estendendo a abrangência dos mandamentos, aprofundando-lhes o significado (ver Sermão do Monte- Mt 5-7).

e. É o único que criou uma teologia ierosolomita, estabelecendo a centralidade religiosa da “santa cidade”, um tipo de projeção da escatológica (Mt 4.5; 27.53).

f. O tema “lei” está fortemente estabelecida em Mateus (Mt 5.17-48; 7.12; 12.5; 23.23).¹⁰

g. Tais orientações teológicas levaram-no a colocar a *Parábola da Ovelha Perdida* num contexto diferente, cujo propósito era defender a tese de que o Pai não deseja que nenhuma das pequeninas ovelhas se perca (Mt 18.14). Em Lucas, o Sumo Pastor, dedutivamente, “busca” a ovelha sob perdão irrestrito, sem nenhuma censura. Em Mateus, contextualmente, a ovelha relaciona-se, em grau de obediência e submissão, à Igreja, coletiva ou individualmente. Se o pecador desviado (ovelha tresmalhada) não quiser, em última apelação, “ouvir” a Igreja, será considerado *“gentio e publicano”* (Cf Mt 18.15-17): *um sistema disciplinar rígido, onde o “princípio”, legalista por si mesmo, sobrepuja a plenitude do amor*. Tal ética comportamental não se observa no contexto lucano. Também aqui, tratando-se de governo temporal, quem “liga ou desliga da Igreja

¹⁰. Guillermo Hendriksen, *El Evangelio Segun San Mateus*, Comentario del Nuevo Testamento, (Grand Rapids, Michigan,U.S.A: Subcomision Literatura Cristiana, 1986), p. 97.

institucional”, esperando ter o aval celeste, é a liderança eclesial comunitária (Mt 18. 18). O contexto, pois, em que se encontra a Parábola da Ovelha Perdida, segundo Mateus, é de natureza comportamental e disciplinar, não ressaltando o infinito amor de Deus para com os “pecadores”, o que faz Lucas, mas a necessidade contingente e imperativa de se perdoar ao irmão faltoso. Eis o contexto próximo da parábola de Mateus: O maior no reino dos céus (18.1-5); os tropeços impostos aos “pequeninos” (18.6-9); como se deve tratar a um irmão culpado (18.15.20); quantas vezes se deve perdoar a um irmão (18.21-22).

Por tudo que se observou, o transfundo teológico da parábola estudada em Lucas é um; em Mateus, outro, muito diverso. Contextos diferentes; interpretações diferentes.

IV. APRISCO

Aprisco (gr. Aulê) era uma área reservada especial, recinto interno ou externo, cercado ou murado, podendo ser descoberto. No Novo Testamento, universo significativo em discussão, pode significar:

IV.I **Palácio**: “Reuniram-se no *palácio ou corte (aulen)* do Sumo Sacerdote” (Mt 26. 3 cf Mc 15.16).

IV.II **Pátio**: “Ora, estava Pedro assentado fora, no *pátio (aulês)*” (Mt 26. 58 cf Mt 26. 69; Mc 14.54, 66; Lc 22.55; Jo 18.15; At 11.2).

IV.III **Casa**: “Quando o valente, bem armado, guarda a sua própria *casa (aulen)*”(Lc 11.21).

IV.IV **Aprisco**: “O que não entra pela porta do *aprisco (aulev)*” (Jo 10.1 cf Jo 10.16)¹¹.

A área, com muros de pedra, geralmente sem cobertura, destinada ao recolhimento de ovelhas e cabras, podia ser de natureza:

a. Privativa, destinava-se apenas ao recolhimento do gado ovino e caprino (pasciam juntos) do proprietário, sendo quase sistematicamente construído na frente da sua residência. Segundo E. Beyreuther,¹² um rebanho continha de 20 a 500 animais (ovelhas, cordeiros, cabras e cabritos). Os animais domésticos (ovinos e caprinos), conforme tal critério, podiam não se constituírem em rebanho, se o número fosse abaixo de 20. No caso da Parábola, eram 100, mas certamente Jesus tinha em mente um “rebanho (poimnion) de natureza doméstica, cuidado pelo seu próprio dono ou proprietário, não havendo

¹¹. Cordância Fiel do Novo Testamento, Editora Fiel da Missão Evangélica Literária, São José dos Campos, 1ª Ed., 1994. Volume I, vocábulo *αυλη*.

necessidade de contratação de “pastor” ou “pastores.”. Sendo correto o raciocínio, com base nas evidências textuais, o “proprietário” do “rebanho”, que o pastoreava em regiões áridas, desérticas, longe de seu “curral” doméstico, “deixou no deserto” as 99, levando nos ombros a ovelha tresmalhada para o seu “aprisco” (área cercada na frente de sua casa), onde lhe deu abrigo, proteção e cuidado. Para o “aprisco das ovelhas,” portanto, *retornou* a única tresmalhada, perdida e achada, ficando fora dele as *noventa e nove justas que não necessitam de arrependimento*.

b- **Pública ou coletiva**, existente na forma cooperativa ou de aluguel, construído especialmente para tal finalidade; destinava-se ao recolhimento noturno de vários rebanhos. Esse “aprisco” possuía uma parte reservada, podendo ser no centro, devidamente cercada, servindo para separação do gado caprino¹³ e dos machos ovinos. Esse modelo de “aprisco” está referido na alegoria (paróimía)¹⁴ do “pastor e seu rebanho” (Jo 10.1-21, 26-29). Frequentemente, os furtos, roubos e assaltos acanteciam nos “apriscos coletivos,” não somente por causa da grande quantidade de ovelhas, chamarizes de ladrões, mas, e principalmente, em virtude da desonestidade dos pastores contratados para cada rebanho e da precariedade da vigilância, que mantinha guarda somente da porta de entrada. Nesse tipo de aprisco não estava muito segura a vida da ovelha, quer dizer, o judaísmo mosaico não podia garantir vida eterna aos judeus, que confiavam estritamente no poder justificador da Lei. Que esse aprisco representava a nação de Israel, com suas divisões tribais políticas e ideológicas, a nós nos parece indiscutível.¹⁵

O **porteiro** do aprisco judaico tem várias interpretações:

a- Foi colocado aí por Jesus Cristo apenas porque não podia haver aprisco público sem um “guarda de segurança,” postado à porta, mas não possui significado simbólico na alegoria. Assim pensa a maioria dos exegetas modernos.

b- Deus, o Pai, que nos enviou o Filho, Bom Pastor, dando-lhe acesso ao rebanho dos eleitos.

c- Espírito Santo, o que promove a conversão, opera na regeneração e na santificação do convertido.

d- Moisés que, pela Lei, abriu caminho ao Evangelho da graça.

¹² . Erich Beyreuther, Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. III, Edições Vida Nova, 1ª Ed, 1983, p. 470.

¹³ . Idem, p. 470, § 1º, onde se registra: “(esta praxe se refere em Mt 25.32).”

¹⁴ . Guillermo Hendriksen em El Evangelio Segun San Juan – Comentario del Nuevo Testamento- Subcomission Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Refoirmada, Grand Rapids, EE.UU., 1987, p. 375.

¹⁵ . Luis Bonnet y Alfredo Schroeder em Codmentário Del Nuevo Testament, tomo 2, 1ª Coedição, Casa Batista de Publicações, B. Aires, 1982, Juan y Atos, p. 211.

e- João Batista, o precursor do Messias, o que lhe abriu a porta de ingresso no ministério pelo batismo.

f- Jesus Cristo que, sendo a “porta”, nada impediria que fosse também o “porteiro,” aquele que abre o reino aos escolhidos e escolhe seus ministros¹⁶.

V. PASTOR

Pastor, no grego, *poimen* (ποιμην). Da mesma raiz procede a palavra “rebanho”, *poimnê* (ποιμνε) ou *poimnion* (ποιμνιον). Eram termos nobres, usados na titulação de reis pagãos e deuses¹⁷. Seu pouco uso no período formador das Escrituras vetotestamentárias, certamente, resulta do zelo dos autores inspirados em evitar conceitos paralelos com designações e símbolos das polilatrias e policrasias circundantes.

V.I Javé, o Pastor de Israel. Deus era chamado de “Pastor de Israel”, não oficialmente, mas pela massa piedosa, que se sentia pastoreada por ele com segurança¹⁸. A piedade popular produziu a imagem do condutor, do protetor e do provedor do “rebanho” esquecido e marginalizado. Tal sentimento místico aumentou e se fixou na mente dos desterrados de Israel ou no coração dos dominados por potências estrangeiras na própria terra natal. Nos tempos exílicos o apego à Lei e ao “Sumo Pastor” (Αρχιποιμην) tornou-se acentuadamente forte e dominante, situação refletida nos salmos e nas profecias emergidas do estado de escravidão do povo de Deus. Assim, temos: Sl 23 (o mais lindo poema do pastoreio de Javé); Sl 28.9; Sl 68.8,9; Sl 74. 1; Sl 77. 20; Sl 78. 52,53; Sl 79. 13; Sl 7; Sl 110. 3; Sl 121.4; Jr 23. 2; Jr 31. 10; Jr 50. 19; Ez 34. 11-12; Is 40.10,11; Is 49. 9; Mq 4.6,7; Mq 7.14. Em virtude de o Deus revelado na velha dispensação ser o *Sumo Pastor* do povo eleito, os judeus evitaram designar seus soberanos governantes de *pastores*, pois o Senhor dos escolhidos e congregados em nação era exclusivamente Javé, cujos fiéis súditos passaram a ter o apelativo de “*o rebanho de Deus.*”

V.II Israel, o Rebanho de Javé. Sendo Javé, de fato, o *Pastor de Israel*, conseqüentemente, o povo lhe é *rebanho* pessoal, exclusivo e privativo, condição ressaltada nos seguintes textos: Jr 13. 17; Is 40.11; Ez 34. 31; Mq 7.14; Zc 10.13; Sl 79.13; Sl 95. 7; Sl 100. 3. Havia, no entanto, pastores políticos e belicistas, usurpadores do ofício, que a si mesmos se credenciavam ao pastoreio das ovelhas de Deus. Todos fracassaram, porque o que não procede de Deus não se credencia, não se perpetua (vejam: Jr 2.8; Jr

¹⁶ . Idem, p. 211, item 4- El portero.

¹⁷ Rev. Joachim Jeremias em “Pastor”, contribuição no “Theological Dictionary of the New Testament, Kittel, vol. VI, p. 486 (B. Transferred Usage. I. In the Ancient Orient

3.15; Jr 10.21; Jr 22.22; Jr 23. 1-5; Jr 25.34; Jr 50.6; Ez 34. 2-10; Is 56.11; Zc 10.3; Zc 11.5-6, 16,17).

V.III O Messias Pastor. Na teologia da promessa messiânica, o Messias era o Pastor esperado para reunificar o rebanho disperso de Israel (Jr 3.15; Jr 23.4; Ez 34.23; Ez 37. 22,24)¹⁹. A mente judaica, em decorrência dos precedentes históricos tradicionais, não poderia conceber um “aprisco de Deus,” que não fosse o genuíno Israel ou, pelo menos, o tivesse por base e núcleo. A figura “rebanho de Deus” ou “rebanho do Messias (Cristo), na concepção judaica, somente poderia referir-se, segundo o contexto remoto, a Israel. Assim, dedutivamente, o “rebanho” da *Parábola da Ovelha Perdida* de Lucas 15 e seu paralelo, com algumas modificações, de Mateus 18, fala do *povo judeu*, antigo *rebanho de Javé*. Deste modo, a nós nos parece, é indubitável a dedução de que as noventa e nove ovelhas “deixadas” no deserto, conforme Lucas e nos “montes”, segundo Mateus, representam Israel, substituído pela “ovelha perdida” no texto lucano e “o pequenino,” na versão de Mateus. Os locais “deserto” (Lc 15), e “montes” (Mt 18), estabelecem conexões com Israel, o povo que peregrinou nos ermos áridos, tempos de prodígios e formação da fé israelita, e também a memória dos difíceis tempos da dispersão: rebanho de ovelhas dispersas, peregrinando nos montes: *As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro*” (Ez 34.6). Certamente Mateus, hebraizante convicto, tinha em mente o quadro ezequiélico das ovelhas perambulando, sob maus pastores, pelos montes diversos. Sobre a péssima situação de pastoreio em que se encontrava o “rebanho israelita de Deus,” leia: Ez 34. 1-31; Zc 11. 1-17; Jr 23. 1-40; Mq 2.12,13.

V.IV Pastor Natural, Profissão Desmoralizada e Desvalorizada. O pastoreio dos pequenos rebanhos domésticos era feito pelos familiares, especialmente as mulheres. As grandes criações de gatos miúdos faziam-se empresarialmente; divididos em rebanhos, cada um entregue ao pastoreio de pastor assalariado. Este, no judaísmo palestino da época de Jesus, era extremamente desqualificado. Destinava-se-lhes a pior remuneração. A baixíssima educação e as carências financeiras levavam grande parte dos pastores de ovinos e caprinos à desonestidade, à pilhagem, ao desvio de animais. Uma pessoa piedosamente escrupulosa não devia comprar leite, lã ou carne de pastores-servos.²⁰ Ao mesmo tempo em que o pastor-servo ocupava o mais baixo nível da escala social, o título de “pastor” era extremamente honroso. Contradição, à luz da lógica, incompreensível.

¹⁸. Idem, p. 487.

¹⁹. Erich Beyreuther em Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Edições Vida Nova, 1983, p. 470. Este autor acompanha J. Jeremias em seu artigo sobre o Pastor no T.D.N.T.

V.V **Cristo, o Bom Pastor.** No meio de tantos pastores ruins, naturais e simbólicos, materiais e espirituais, surge o Bom Pastor, conforme a promessa, nosso Senhor Jesus Cristo. Em João 10. 1-30, o Bom Pastor contrasta-se com o ladrão e o estranho; e seu papel é tirar as ovelhas²¹ que o Pai lhe deu (Jo 10.29) do rebanho judaico, agregando-as em si mesmo tanto quanto agrega os gentios para que haja um “só rebanho” e um só Pastor. Embora sendo uma alegoria, não há dúvida de que nela se afirma o seguinte:

a. **O aprisco é coletivo e judaico**, contendo mais de um rebanho, dentro do qual “estava” o do Bom Pastor, cujas ovelhas “ouvem” a voz do seu Pastor e o “seguem”, não massificadamente, mas cada uma identificada relacionalmente com o Pastor: *As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas ovelhas e as conduz para fora (Jo 10.3 cf 10.27)*. O próprio Israel estava dividido em facções, isto é, em rebanhos do rebanho: fariseus, saduceus, essênios, não alinhados e, até que se separassem, os cristãos, ovelhas de Jesus Cristo. No apriscos coletivo, os pastores, em cada manhã, adentrando-o pela porta, depois de autorizado pelo porteiro, gritavam os gritos característicos de comando, e as ovelhas, ouvindo-lhe a voz, seguiam-no às pastagens. Jesus utiliza-se dessa imagem para dizer que retira suas ovelhas do aprisco multiconfessional do judaísmo, dando-lhes, não uma ordenação imperativa geral, mas chamando-as, individualmente, pelo próprio nome, o que demonstra que o Bom Pastor, pastoreia o seu rebanho, pastoreando cada uma de suas ovelhas, mas fora, completamente fora, do “aprisco israelita.”

b. **Ovelhas retiradas do aprisco de Israel.** Jesus, o Bom Pastor, não inclui “suas ovelhas no “aprisco” de Israel, mas as retira: *Aquele, porém, que entra pela porta, esse é o pastor das ovelhas. Para este o porteiro abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora (negrito nosso). Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe conhecem a voz (Jo 10.2-4)*. Jesus retira do “aprisco de Israel” “todas” as “suas ovelhas”, fato que nos leva a entender porque o “dono” da “ovelha perdida”, representando Jesus Cristo, pode dizer: “alegrai-vos comigo, porque achei **a minha ovelha perdida**”(Lc 15. 6b). As ovelhas não pertencentes ao Bom Pastor *continuaram no aprisco judaico*, sob pastorado de uma sacerdócio corrupto, como se observa em Lucas 11. 37-52. A esse “pastoreio” mosaico indigno, mercenário, usurpador e egocêntrico o Messias referia-se,

²⁰ . Idem, p. 471.

²¹ . Idem, p. 472: “Jesus guia suas ovelhas para fora da *aulê* do judaísmo e une-as num rebanho com seus seguidores dentre os gentios(Jo 10.4).”

indubitavelmente, na alegoria do Bom Pastor: *Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não lhes deram ouvidos* (Jo 10.8). “Os que vieram antes dele” foram os “pastores de seu povo” que pastorearam para si mesmos, explorando o rebanho que não lhes pertencia, subtraindo e destruindo as ovelhas do rebanho constituído de escolhidos de Deus, Israel: *Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora* (Jo 6.37 cf Jo 17.6, 9). Do aprisco israelita, o Pai retira, por meio de seu Filho, o Bom Pastor, as ovelhas escolhidas, deixando as outras, embora originárias da “família eleita”. O velho povo de Deus formou-se por meio de chamado eletivo de um tronco étnico, submetido à ordenança de um código legal. O novo, forma-se em Jesus Cristo sob o imperativo do amor agápico ao Deus trino. Os súditos da velha dispensação, aferrados ao legalismo mosaico, à justiça das obras da lei, à facilidade da justificação por meio de animais expiatórios substitutos, aos méritos pessoais da obediência externa, rejeitaram a oferta da graça em Cristo Jesus, especialmente em decorrência da inclusão dos gentios. O prólogo de João, síntese da teologia a ser desenvolvida posteriormente no corpo de seu registro, deixa-nos magistral declaração a respeito da “rejeição de Israel” e “recepção”, por intermédio da fé, de “todos”, judeus e gentios, no rebanho de Cristo, o Bom Pastor. Eis o texto: *Veio para o que era seu, os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome* (Jo 1.11,12). “Todos,” aqui, é inclusivo. Todos os que crêem em Cristo, não importando o sexo e a raça, se são judeus ou gentios, tornam-se, em virtude da crença, filhos de Deus e, portanto, do “Rebanho do Sumo Pastor”: *destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um* (grifo nosso) *em Cristo Jesus*” (Gl 3.28). Observem que, na alegoria do Bom Pastor, Jesus declara explicitamente: *Depois de fazer sair todos* (grifo nosso) *as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem* (Jo 10.4).

c. **Fazer sair.** Sair de onde? A resposta é óbvia: do aprisco anterior, o de Israel. O Bom Pastor, nosso Senhor Jesus Cristo, pois, não “conduz” o seu rebanho, a Igreja, ao “aprisco judaico”; tira-o de lá, pois nele inclui os gentios convertidos (homens e mulheres), recusados e menosprezados pelos judeus. No comuna sinagoga (sinônimo de eclesial) de Israel não havia lugar para estrangeiros de ambos os sexos. No corpo eclesial do Bom Pastor só há lugar para o judeu por meio de conversão e regeneração mediante a fé em Cristo Jesus. O “rebanho de Cristo” (Igreja) compõe-se de eleitos redimidos de todas as etnias: *E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-*

lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra (Ap 5.9 cf Ap 7.9). Os gentios não ingressam no corpo de Cristo, seu “rebanho” por adesão, como simples beneficiários do judaísmo, mas por eleição graciosa, por regeneração e filiação adotiva, tornando-se “reino de sacerdotes.” A Igreja, portanto, não se constitui de “ovelhas perdidas da Casa de Israel” capturadas por Cristo; ela é o novo povo de Cristo, a “*communio sanctorum*” de Deus. As ovelhas israelitas não cristãs ficaram perdidas, e somente se salvarão pela aceitação do Filho de Deus, o Messias prometido, o doador da fé, o promotor do arrependimento, o autor da regeneração.²²

d. Cristo, Pastor e Porta. Cristo, na belíssima e significativa alegoria (παροιμία-v.6) do Bom Pastor, apresenta-se-nos como a “porta” do “aprisco” das ovelhas do Pai (Jo 10.7, 9). O divino Mestre a si mesmo se designa “a porta”, depois que os judeus revelaram-lhe incompreensão do que dizia por meio da “parábola” (paroimia) do Bom Pastor. Ele, então, mudou o símbolo para “Porta do Aprisco” (Jo 10. 6), o que pode estar dizendo: *as minhas verdadeiras ovelhas” são aquelas que passam por mim, que integram o meu rebanho pela exclusiva e privativa entrada do “aprisco”, a “porta”, eu mesmo, o Bom Pastor.* É claro que os escribas e fariseus, com seus seguidores, igualmente cegos, não poderiam aceitar o “pastoreio de Cristo”, especialmente com a inclusão de ovelhas gentias e publicanas no redil dos eleitos. Parece-nos claro, observando o contexto geral, que, realmente, ninguém entra no reino de Deus, o aprisco dos redimidos, ou integra o “rebanho” do Pai senão pela única porta- O Sumo Pastor: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14.6).* As ovelhas que entram por ele, tornam-se dele sob o seu exclusivo pastoreio, mas sem a escravidão do legalismo judaico: *entrará, e sairá, e encontrará pastagem (Jo 10.9b).* Muitas ovelhas “entravam” no aprisco dos maus pastores judaicos não para terem vida, mas para encontrarem a morte, pois são “criadas” e “engordadas” para o matadouro. As ovelhas de Cristo são retiradas do aprisco mosaico e recolhidas do mundo para a unidade, a santidade e, principalmente, para a vida eterna: *Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão (Jo 10.28).* As ovelhas “perdem” a vida para pastor. O quadro inverte-se: o Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas: *Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas (Jo 10.11).* E efetivamente ele deu a vida pelos eleitos servos. Cristo, portanto,

²² . Recomendamos a leitura de Ποιμην...” de J. Jeremias em Theological Dictionary of the New

não é a “porta da morte”, mas a “porta da vida,” que não é portão de cárcere, limitador das liberdades cristãs da ovelha. O rebanho não restringe a individualidade da ovelha, não lhe tolhe os direitos de locomoção e pastoreio. As ovelhas dos pastores mercenários, freqüentemente, *entravam e não saiam*. A Porta do aprisco dos salvos é a entrada para vida e a saída para o ministério externo. A “pastagem” não se encontra no interior do redil; aí se têm aconchego, comunhão e proteção. O rebanho, sob a condução e garantia protetora do Pastor eterno, deve estar no mundo, alimentar-se dele fisicamente e alimentá-lo moral e espiritualmente. Eis a dupla função do Sumo Pastor, conforme o texto: Primeira, ser a única porta pela qual se ingressa no aprisco de Deus. Segunda, ser o único Pastor das ovelhas do Pai (Jo 6.37).

O rebanho do Bom Pastor, pelo que já se observou anteriormente, não é aquele cujas ovelhas justificam-se a si mesmas pela observância da Lei e do cerimonialismo sacerdotal; é o dos redimidos por e em Cristo Jesus mediante a cristocêntrica fé salvadora, dom de Deus, e a irrestrita identificação com o Pastor: *Eu sou o Bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, elas me conhecem*” (Jo 10.14). *As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço. E elas me seguem* (Jo 10.27). É Cristo que faz o cristão. Quem não entra pela Porta, embora esteja fisicamente dentro do rebanho, é “bode” ou “joio”, não “ovelha” ou “trigo.”

Em suma, Cristo, o Bom Pastor, forma o seu rebanho (Igreja) com ovelhas judaicas e gentias sem qualquer discriminação de natureza racial. A religiosidade anterior termina, desaparecendo completamente, com a regeneração e a radical vinculação a Cristo, o Salvador. Nós, gentios, somos as “ovelhas do outro aprisco”, isto é, não estávamos no “curral do judaísmo.” Então, a Igreja universal de Cristo, o único Pastor, passou a ser um só rebanho: *Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então haverá um rebanho e um pastor* (Jo 10.16).

A mensagem de Jesus na alegoria do Bom Pastor, de certa maneira, contém o mesmo ensino das três parábolas de Lucas, capítulo 15: O Messias não veio para “salvar” os judeus, que o rejeitaram, mas os seus eleitos. Estes, em decorrência da eleição, são movidos ao arrependimento, à confissão, à fé e à aceitação do Filho de Deus.

Autor: Onezio Figueiredo

Revisão / programação: Ronaldo Bandeira Henriques

Revisão de digitação: Elvira Gusmão Neta

